



## EXPEDIÇÃO AO CONE SUL

### 12. SAN CARLOS

Quando usamos ‘seu nome e seu sobrenome’ é que vamos lembrar, ou mesmo vir a saber, que ela é San Carlos de Bariloche. Se, no Brasil, São Sebastião do Rio de Janeiro já se tornou há muito tempo Rio de Janeiro; São José de Pindamonhangaba virou Pindamonhangaba, entre tantos outros exemplos; no caso da Argentina, o nome completo se mantém, mesmo que, para fins turísticos, como um *fast food* dos nomes, ela seja conhecida, apenas, como Bariloche.

Seu centro cívico é uma área graciosa, topograficamente elevada, com construções em pedra cinza e em madeira. Foi construído em 1939 e suas funções turísticas já estavam, então, desenhadas, pois a cidade está às margens do Lago Nahuel Huapi. Este nome é mapuche, como muita coisa e muita gente em Bariloche. A fundação do que viria a ser esta cidade é de 1902 e resulta da colonização de italianos, suíços e alemães, razão pela qual o estilo arquitetônico desta área core é uma espécie de mistura, ou seja, para ser franca um “sem estilo”. O lago é o que vale a pena na visita a Bariloche, pelo menos foi o que eu senti, já que estamos no verão e não há o charme dos cumes nevados e das pistas de esqui.

A pequena cidade do começo do século passado é hoje o centro comercial de toda a área urbana que cresceu muito. Este núcleo de Bariloche é ocupado por estabelecimentos voltados aos turistas (cafés, restaurantes, pousadas, hotéis de categoria média ou menos elevada, lojas de souvenires, ou melhor, de bugigangas etc.) e por outros destinados a atender as demandas dos próprios moradores (lojas de eletrodomésticos, magazines, bancos, instituições e outras atividades públicas). Os primeiros alongam-se na Avenida Mitre (Indicada com a flecha azul no mapa), e os segundos em sua paralela, a Avenida Moreno (marcada com a flecha vermelha). Nas ruas perpendiculares a elas acomodam-se, ladeira abaixo (chegando ao lago) e ladeira acima (buscando os Andes), pequenas pensões, pousadas bonitinhas, casas das décadas de 1940 a 1960, apartamentos em que residem moradores da cidade, outros para aluguel de temporada, numa mescla intensa de vida cotidiana e vida de turista.





Gostamos do prédio que abriga a Catedral (localização assinalada com uma cruz azul), mas não conseguimos visitá-lo, porque a grande igreja estava sempre fechada.



Andamos muito pelo centro de San Carlos de Bariloche, até para realizar atividades rotineiras de um morador – lavar o carro, ir ao supermercado, procurar uma padaria para comprar pão para o dia seguinte etc. No entanto, acho que uma das coisas que mais ficarão na memória foi a ida ao *Boliche de Alberto*. Não é nada do que você, leitor, está pensando: não fomos jogar boliche.

Apenas saímos para jantar e procuramos uma das indicações feitas por nossa amiga Maria Laura para comer uma *parrilla* à altura da fama que a Argentina tem no trato com a carne. Estacionamos na porta do restaurante matriz (pois depois descobrimos que eles têm filiais pela cidade) e às 20h30 (horário considerado cedo para a *cena* nos países de colonização hispânica) já havia uma fila. Consideramos este um bom sinal e achamos melhor esperar, ainda que a decoração não tivesse qualquer charme, que tivéssemos que ficar em pé na entrada, com aquela cara de cachorro magro, olhando os outros comerem e, assim, como os que aguardavam como nós, realizando um jogo de expectativas do tipo: “veja o pessoal daquela mesa está acabando”; “será que eles vão pedir sobremesa?”; “aqueles já pagaram, mas não sei porque não se levantam”; “que absurdo, duas pessoas ocupando uma mesa de quatro” e daí para mais...

Embora o tempo de esprera calculado fosse de 15 minutos, devemos ter esperado de 30 a 40, para, finalmente, sermos acomodados ao lado da grande chapa de aço, tinindo de quente, aquecida por carvão, sobre a qual eram atirados com displicênciça e arte, ao mesmo tempo, enormes nacos de *lomo* (filé mingon para nós), *costillas* (costelas de vaca), *chorizos* (linguiças), *morcillas* (chouriços) etc. O perfume que exalava da churrasqueira era tão intenso como a nossa fome e a expectativa que a espera gerou. Nosso *lomo* veio alto, tostado por fora, maravilhosamente úmido por dentro. Ah, esses sim são (também) os ótimos “prazeres da carne”!



Atualmente, a cidade expandiu-se às margens do magnífico lago para atender as demandas do turismo e em direção às montanhas para acomodar a gente que vive ali. A urbanização em linha, ao longo da Avenida Exequiel Bustillo, contornando o lago, estende-se por mais de 30 km – em que se alternam hotéis, casas e apartamentos de segunda moradia, pousadas, restaurantes, bares, pequenos centros comerciais etc. – e alcançam o que, outrora, era uma majestosa construção que se localizava distante da cidade e o hoje está integrada a ela, o mais famoso hotel da Argentina – o Llao Llao Hotel e Resort – que foi implantado em 1938 e se encontra no alto de uma pequena colina, a partir da qual se vê o lago principal e dois dos seus tentáculos que se

acomodam no relevo que cerca toda a área (nos dois mapas dá para observar a posição dele).

O hotel tem campo de golfe (os argentinos adoram golfe, polo e equitação pelo que se pode depreender da frequência com que se veem infraestruturas montadas para estes esportes), tem praia particular e é o único classificado como ‘seis estrelas’ na Argentina. O Brasil, apenas como uma referência, não tem nenhum hotel que tenha recebido, internacionalmente, esta classificação. A bem da verdade, olhando por fora, não achei nada muito excepcional para justificar a posição de destaque que recebeu, mas suponho que me hospedar lá teria me dado outra visão...

Fizemos um dos passeios típicos de Bariloche – a subida em teleférico ao Cerro Catedral. No inverno, este é o ponto de partida principal dos esquiadores que se tornam os personagens principais do cenário; no verão, o passeio é feito por gente como nós, interessada em ter uma vista geral da cidade e do lago, lá de cima.



É engraçado imaginar tudo aquilo branco no verão e lembrar que, abaixo da grossa camada de neve, estão fragmentos de rocha de todo tamanho e muita poeira de vulcão!

A subida é feita em duas etapas – dois teleféricos diferentes – que nos elevam a 2.400 metros de altitude, saindo da Villa Catedral que está no seu sopé, 1.400 metros abaixo, ou seja, em alguns minutos subimos 1.000 metros, vimos múltiplas camadas de paisagem montanhosa e observamos as mudanças na vegetação, dos verdes aos cinzas puros.



Fazendo um balanço, talvez por causa das expectativas geradas pela lembrança de minha infância, Bariloche ficou um pouco aquém do esperado, mas vale muito a pena a visita. É provável que se tivéssemos por lá no inverno, tudo seria diferente.

Nesta Expedição ao Cone Sul, vimos tantos japoneses e brasileiros fazendo seus *selfies*, que resolvemos ensaiar os nossos...



Carminha Beltrão  
Janeiro de 2016